

resenha

tríade
comunicação, cultura e mídia

Um diálogo entre psicologia social e comunicação resenha do livro: homens invisíveis: relatos de uma humilhação social Fernando Braga da Costa. são paulo: editora globo, 2004.

Suzana Rozendo Bortoli*
Adriano da Silva Rozendo**

* Doutoranda do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Jornalismo pela mesma instituição. Pesquisadora do grupo de pesquisa Jornalismo e Construção da Cidadania (ECA/USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: sukirozendo@hotmail.com

** Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, MT, Brasil. E-mail: sukirozendo@gmail.com

Fernando Braga da Costa, professor universitário e psicólogo clínico, ao cursar a disciplina Psicologia Social II, em 1994, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), teve a missão de assumir durante um dia inteiro algum ofício de um indivíduo pertencente à classe pobre para realizar uma atividade acadêmica. A princípio, pensou que fosse chamar a atenção dos colegas e professores quando passasse pelo seu centro de estudos. Ao invés disso, nenhuma saudação, nenhum aceno de cabeça. O então estudante, com 19 anos, teve uma experiência surpreendente: a invisibilidade no meio de outros homens.

Tal percepção foi o que o motivou a se associar aos garis contratados pela Prefeitura da Cidade Universitária da USP. Sua pesquisa foi desenvolvida em dois níveis: primeiro, para conhecer e avaliar as condições de trabalho e o estado moral e psicológico dos garis. Segundo, para investigar as aberturas e barreiras psicossociais na relação com esses trabalhadores. O resultado foi publicado em um livro lançado pela Editora Globo em 2004: “Homens Invisíveis, relatos de uma humilhação social”. A obra de leitura fácil e envolvente mergulha em questões da Psicologia Social que perpassam a Comunicação. Importante mencionar que dentre muitos sentidos, nesta resenha, levamos em conta que a Comunicação é a “interação social através das mensagens” (DIAZ BORDENAVE, 2003, p.93).

Embora a formação do autor seja no ramo da Psicologia Social, ele explica por que sua pesquisa dialoga com a Comunicação.

Na verdade, tudo o que tem a ver com Psicologia, como se trata de compreender a formação da subjetividade humana, passa pela comunicação. As trocas entre os humanos se dão, principalmente, de forma simbólica. Então, não existe compreensão possível sobre a psiquê humana sem que você tenha como uma das ferramentas a comunicação (informação verbal)¹.

A fim de realizar uma pesquisa etnográfica por meio da observação participante, Costa varria, pelo menos uma vez por semana, as calçadas e ruas da Faculdade de Engenharia Civil, transportava folhas de árvores, papéis, plásticos e sucata. Entre baratas, limpava lixeiras, capinava gramados, retirava o barro acumulado de canteiros e tomava café com os garis em latas de alumínio.

¹ Entrevista concedida por telefone, em 14 mar. 2013. Os autores consideraram importante conversar com Fernando Braga da Costa para expandir a explicação de alguns pontos do livro.

Diante de tantos métodos possíveis para a realização de uma pesquisa de campo, o autor afirma não conhecer nenhuma forma digna de fazer pesquisa que necessite conhecer uma realidade psicológica que não seja a etnográfica.

A gente precisa ficar de maneira mais exposta aos fenômenos, mas, a despeito de ter assumido temporariamente a função de gari três vezes por semana, eu nunca, de fato, me tornei um gari. Nunca dependi daquilo para sobreviver, então, de alguma maneira, é impossível eu ter alcançado, de fato, a subjetividade deles, o que eles sentem realmente. Eu posso ter chegado perto disso, mas não ter completado esse caminho todo (informação verbal).

Depois de muitos anos de experiência, ao terminar seu doutorado, em 2008, aos 32 anos, o autor chega a uma conclusão: a invisibilidade pública, o desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: a humilhação social – fenômeno histórico, que se constrói e reconstrói no cotidiano de indivíduos economicamente pobres – e a reificação – processo calcado nas determinações mercantis, no qual as pessoas passam a ter valor como se fossem objetos. Esse último conceito também foi explorado na década de 1960 por Berger e Luckmann em “A construção social da realidade”. Os autores defendem que a sociedade é uma produção humana e o homem é uma produção social. Para eles, o mundo reificado é por definição um mundo desumanizado (BERGER; LUCKMANN, 1995).

Fernando Braga da Costa relata em sua obra inúmeras experiências que o levaram a crer que era “um uniforme que perambulava” e que vivia em um espaço reificado. Certa vez, varrendo o restaurante dos professores, encontrou duas docentes com as quais já havia trabalhado:

Interrompi o trabalho de varrer e ensaiei o corpo para uma saudação. Passaram a pé ao meu lado, ombro a ombro. Não me viram. Em situação semelhante, poucos meses depois, Restaurante dos Professores, uma delas chegou a me encarar olho no olho. Estávamos a uma distância que não superava dois metros. Olhava com medo. Não me via. Não me reconheceu. Deu um boa tarde tímido e acelerou o passo. Em questão de dias, novo encontro com a docente. Na guarita de entrada do restaurante (o tal restaurante, agora já famoso). Parou o carro ao me reconhecer:

- Ué, mudou pra botânica?!

- Não. Continuo psicólogo.

- E o que cê faz aí?!

Explico-lhe.

- Ah, que lindo! Quem é seu orientador? [...] Ah, vai ficar muito bom! Quero ler, viu?! Quando ficar pronto. Quero mesmo! (BRAGA, 2004, p. 119).

A referida passagem é emblemática ao demonstrar que um uniforme e uma função que (não) envolve intelectualidade são determinantes para alterar as formas de sociabilidade entre sujeitos advindas das práticas comunicativas no espaço urbano. Não é nenhuma novidade que o trabalho, mais do que um meio de gerar renda, é também determinante para a posição e representação social do sujeito diante do outro. No caso dos garis, a pesquisa que gerou o livro “Homens invisíveis” deixa bem claro que tal função não é valorizada e, por isso, essas pessoas passam despercebidas cotidianamente. Ou, pelo menos, passavam até a leitura do livro, que nos faz repensar nossas atitudes e comportamentos – muitas vezes, involuntários – frente a alguns profissionais.

Outro ponto marcante da obra é quando os garis pedem que o estudante converse com os supervisores sobre os cabos das vassouras, que eram curtos e os deixavam com dores nas costas no final do dia. Sobre isso, o autor comenta:

Todas as tentativas que eles faziam no sentido de poder ter uma condição de trabalho mais digna caía no vazio. Eles nunca eram atendidos. Então, de alguma forma havia uma suposição de que em se tratando de um estudante, pertencente a uma classe social privilegiada, que soubesse dialogar com diretores ou prefeitos da cidade universitária, algo mudaria. Eles achavam que eu, me manifestando como porta-voz deles, pudesse alcançar um êxito diferente, coisa que nunca foi verdade. Várias vezes eu conversei a respeito disso, até, por exemplo, com relação aos cones que poderiam fazer o isolamento de uma das pistas de rolamento para eles não correrem o risco de ser atropelados, mas as respostas eram sempre evasivas, sempre sem muito interesse (informação verbal).

O leitor pode ser levado a crer que esse “desdém” acontece apenas no Brasil, nação marcada por muitas desigualdades, ou em outros países em desenvolvimento. Mas, não. O autor explica que é exatamente a mesma coisa em outros lugares: “Antes de começar a fazer uma operação policial importante, os policiais se vestem como garis e fingem estar trabalhando como funcionários da limpeza pública, e, com isso, eles passam completamente despercebidos” (informação verbal). Costa também conta que a cor predominante dos uniformes dos garis no mundo todo é alaranjada. A explicação oficial é que essa cor chamativa é necessária para a segurança dos trabalhadores, porém, de acordo com os próprios garis, a roupa se deve ao fato de

que se alguém estiver se escondendo, “matando” tempo de trabalho, fica facilmente identificável, mesmo que esteja dentro de um matagal.

Questionado se existe alguma forma de combater a humilhação social e a reificação nos dias de hoje, o autor responde que não tem resposta para a pergunta. Em suas palavras:

O que eu sei é que existe a necessidade de estudar e investigar a maneira como nós estamos estruturados e vinculados uns aos outros socialmente. Não se altera a relação psicossocial entre os homens sem que se mude o modo de produção e a maneira como nós nos organizamos com relação ao trabalho. Então, se nós continuarmos com dados de uma sociedade baseada no modo de produção capitalista, a gente não rompe com a invisibilidade, muito menos com a humilhação social. A questão não é apenas de cunho psicológico. Em todas as profissões braçais, desqualificadas, como a dos garis, continuará havendo sujeitos humilhados e invisíveis. A contribuição que talvez eu tenha alcançado com esse trabalho é no campo da Psicologia Social. Talvez nós devêssemos pensar em outras contribuições no campo da Comunicação, da Sociologia, da Economia para tentar modificar essa realidade (informação verbal).

A reflexão do autor vai em direção ao que Berger e Luckmann preconizaram em décadas passadas: “Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos” (BERGER; LUCKMANN, 1995, p.157). A Comunicação e todos os seus meios, certamente, podem – e devem – contribuir com tal transformação.

Alguns sites de notícias divulgaram que a tese de Fernando Braga da Costa inspirou a criação da personagem de uma faxineira interpretada por Camila Pitanga, na novela Cama de Gato, da Rede Globo, exibida em 2009 e 2010, para explorar essa temática. Porém, o autor não confirma essas notícias:

Na verdade, eu não enxerguei relação nenhuma da personagem com o meu livro. Em nenhum momento eu fui procurado pelas autoras da novela. Fiquei sabendo pelos jornais, pelos veículos de comunicação que elas estavam divulgando a novela como se tivesse sido inspirada no meu livro. Enfim, eu não acompanhei a novela depois da primeira e da segunda semana porque, como tudo o que acontece com a teledramaturgia, tinha caráter bastante maniqueísta, bastante moralista, então, eu não pude reconhecer as inspirações que elas disseram ter tido através do meu livro (informação verbal).

Algumas passagens do livro são tão expressivas que nos fazem pensar que estamos lendo uma estória de ficção, como, por exemplo, a de uma varredora de rua que, quando ganhou um panetone de presente de Natal do estudante universitário, comia um pequeno pedaço por dia e bem devagar para que ele durasse bastante. Sua diversão e passatempo nos feriados era observar o vaivém das pessoas em uma das rodoviárias de São Paulo.

Um assunto que não foi retratado na obra, mas foi observado pelo autor é a percepção que os garis têm em relação ao poder midiático:

Sobre esse assunto, eu notei duas coisas: a primeira delas é que eles não tinham nenhum tipo de esperança ou deslumbramento de que a mídia falaria a respeito do trabalho deles e que isso fosse mudar a própria condição deles. E a segunda coisa é que eles tinham uma visão muito crítica e rústica sobre a maneira como a mídia poderia abordar essa temática. Eu me lembro bem de quando ocorreu o falecimento de um dramaturgo, o Dias Gomes. Ele morreu num acidente, estava num táxi. E quando eles acabaram de ouvir a notícia no rádio (a maioria deles carregava um radinho de pilha no bolso), eles disseram: ‘Isso aí acontece todo dia com a gente, só tá falando dele porque ele é rico e famoso, mas ninguém vai dar uma notícia da gente no rádio’.

Certamente, as possibilidades de entrecruzamento entre Comunicação e Psicologia não se esgotam nos pontos citados. Muitas outras áreas do conhecimento flertam com essa obra, recomendada para pesquisadores que se interessam por estudos multi, inter e transdisciplinares.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

_____. Entrevista concedida aos autores [mensagem pessoal] em 14 mar. 2013.

DIAZ BORDENAVE, Juan. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.